



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Myskiw, Mauro; Mariante Neto, Flávio Py; Stigger, Marco Paulo  
JOGANDO COM AS VIOLÊNCIAS NO ESPORTE DE LAZER: NOTAS ETNOGRÁFICAS  
SOBRE O 'GURI' E O 'NEGO VÉIO DA VÁRZEA'  
Movimento, vol. 21, núm. 4, outubro-diciembre, 2015, pp. 889-902  
Escola de Educação Física  
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115343227004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# JOGANDO COM AS VIOLÊNCIAS NO ESPORTE DE LAZER: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O 'GURI' E O 'NEGO VÉIO DA VÁRZEA'

*PLAYING WITH VIOLENCE IN LEISURE SPORT: ETHNOGRAPHIC NOTES ON THE 'KID' AND THE 'OLD HAND' IN OUTSKIRTS FOOTBALL*

*JUGANDO CON LAS VIOLENCIAS EN EL DEPORTE DE OCIO: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE EL 'CHAVAL' Y EL 'PILLO DEL BARRIO'*

**Mauro Myskiw\*, Flávio Py Mariante Neto\*, Marco Paulo Stigger\***

**Palavras chave:**  
Esportes.  
Atividade de lazer.  
Violência.  
Etnografia.

**Resumo:** Este trabalho se insere nos debates sobre a diversidade de significados dos esportes nas situações de lazer. Resulta de uma pesquisa etnográfica multilocalizada desenvolvida num grande circuito de 'futebol varzeano' da cidade de Porto Alegre. O objetivo foi compreender as dinâmicas de constituição das noções de violência nessa esfera de lazer, tendo como enfoque analítico dois 'personagens empíricos': o 'guri' e o 'nego véio da várzea'. Esse empreendimento é efetivado num debate com a teoria elisiana em relação à violência e à busca da excitação agradável nas práticas miméticas do esporte. Ao final, apontamos dois aspectos como contribuições para os estudos do lazer: a existência de violências desagradáveis que não representam rupturas, mas que 'fazem parte' do contexto mimético, apontadas como desproporcionalidades; a vivência da tensão-excitação agradável não apenas num nível ótimo, mas também nos deslizamentos emocionais entre distintos equilíbrios de tensão.

**Keywords:**  
Sports.  
Leisure activities.  
Violence.  
Ethnography.

**Abstract:** This work is part of the discussions on the diversity of sports meanings in leisure situations. It is the result of a multisite ethnographic research developed in a large circuit of 'outskirts football' in the city of Porto Alegre, Brazil. Its aim was to understand the dynamics of formation of the concepts of violence in leisure by focusing the analysis on two 'empirical characters': the 'kid' and the 'old hand in outskirts football'. The enterprise is carried out within a debate with Eliasian theory on violence and the pursuit of pleasurable excitement in mimetic sporting practices. Finally, we point out two aspects as contributions to leisure studies: the existence of unpleasant types of violence that do not represent ruptures, but which 'are part' of that mimetic context, pointed out as disproportionalities; the experience of pleasant tension-excitement not only at an ideal level, but also in the emotional slidings between different tension balances.

**Palabras clave:**  
Deportes.  
Actividades recreativas.  
Violencia.  
Etnografía.

**Resumen:** Este trabajo se inserta en los debates sobre la diversidad de significados de los deportes en las situaciones de ocio. Es resultado de una investigación etnográfica multilocalizada desarrollada en un gran circuito de 'fútbol de barrio' de la ciudad de Porto Alegre. El objetivo fue comprender las dinámicas de constitución de las nociones de violencia en esa esfera de ocio, utilizando como foco analítico a dos 'personajes empíricos': el 'chaval' y el 'pillo del barrio'. Ese trabajo es efectivado en un debate con la teoría elisiana en relación a la violencia y a la búsqueda de excitación agradable en las prácticas miméticas del deporte. Al final, señalamos como contribuciones: la existencia de violencias desagradables que no representan rupturas, sino que 'forman parte' del contexto mimético, apuntadas como desproporcionalidades; la vivencia de la tensión-excitación agradable no sólo en un nivel óptimo, sino también en los deslizamientos emocionales entre distintos equilíbrios de tensión.

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.  
E-mail: mmyskiw@hotmail.com

Recebido em: 27-03-2015

Aprovado em: 23-08-2015



## 1 INTRODUÇÃO

Já não é recente, nos debates acadêmicos em torno da compreensão das práticas esportivas, a abordagem orientada para a diversidade das apropriações e a heterogeneidade dos significados, para além dos discursos oficiais e das grandes narrativas. Trabalhos como os de Magnani (1984), Stigger (2002, 2005), Damo (2003) e Rigo (2004) encorpam os fundamentos de entendimento do esporte baseados em investigações no cotidiano das pessoas comuns (não profissionais ou personagens midiáticos) nas situações de lazer, especialmente na vida urbana. É no contexto desse debate que este trabalho almeja apresentar algumas contribuições.

O enfoque aqui foi dado sobre as controvérsias em torno da diversidade das construções culturais de diferentes noções de violência em partidas de futebol que se desenvolviam num grande circuito de lazer da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, denominado de ‘municipal da várzea’<sup>1</sup>. Isso foi possível a partir de uma pesquisa etnográfica multilocalizada (MARCUS, 2001) realizada entre 2009 e 2011, cuja tônica foi seguir dirigentes, árbitros, treinadores, jogadores e seus amigos, vizinhos, familiares no circuito, convivendo com eles, ajudando-os quando possível, em diferentes situações (reuniões, jogos, festas, jantares, excursões, etc.) e locais (gabinetes, auditórios, bares, campos, ruas, bairros, vilas, etc.).

Nesse período foram observadas 216 partidas (‘amistosas’ e ‘oficiais’) ocorridas em distintas regiões da cidade de Porto Alegre. Cada uma das imersões etnográficas foi registrada em diários de campo (DC). Também foram analisados documentos e realizadas entrevistas semiestruturadas com interlocutores considerados centrais. Sobre tudo das experiências de observações, a maioria delas participantes – em colaborações na organização das competições e de times –, resultaram estranhamentos. Um deles foi constituído em torno da ‘violência no lazer’.

Logo na quarta imersão da pesquisa, numa reunião em que participavam os organizadores ‘do Municipal’ de 2009 (dirigentes da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer e representantes das Ligas de Futebol), ficava clara a preocupação em relação aos jogadores denominados de ‘guris’, sendo estes vinculados aos problemas mais graves de ‘violência em campo’, o que não ocorria com aqueles chamados de ‘veteranos’ ou os ‘nego véio’<sup>2</sup> da várzea’ (DC, 26 mar. 2009). Ainda nos primeiros meses da investigação foi percebida a recorrência dessa preocupação, que gozava de verossimilhança se observados os ‘atos indisciplinados’ mais impactantes elencados pelos organizadores, alguns dos quais levaram Seu Jair<sup>3</sup> (dono de time e dirigente de Liga) a sentenciar que “daqui quatro anos não vai mais ter o força livre [categoria acima de 16 anos que agrega mais ‘guris’], só dá problema, o veterano não tem isso” (DC, 10 out. 2009).

Observações como essas nos levaram a perguntar: como os ‘veteranos’ lidavam ou determinavam com níveis de violência aceitáveis em campo, no circuito de lazer? O que fazia das práticas indisciplinadas ‘dos guris’ um incômodo capaz de determinar o término da

<sup>1</sup> Estamos denominando de ‘municipal da várzea’ de Porto Alegre um circuito de práticas futebolísticas materializado na forma de campeonatos em diferentes categorias, envolvendo em torno de 300 times anualmente. Num primeiro semestre as Ligas Comunitárias de Futebol da cidade realizavam suas competições ‘regionais’ e, através delas, indicavam os times classificados para uma segunda fase realizada no segundo semestre do ano. Essa segunda fase era chamada de ‘municipal’, agregando os times classificados nos regionais, sendo coordenada pela Gerência de Futebol, órgão administrativo da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre.

<sup>2</sup> Optamos por não trazer essa expressão ‘nego véio’ no plural porque esta é a forma como ela era comumente manifestada pelos interlocutores da pesquisa.

<sup>3</sup> Os nomes foram substituídos para evitar que as informações publicadas pudessem causar constrangimentos aos interlocutores.

competição na categoria livre? Seria a maneira de lidar com a violência um aspecto definidor do que é ser 'um guri' ou 'um nego véio'? Neste texto propomos mostrar resultados da experiência etnográfica em torno dessas questões e de como ela possibilitou desenvolver diálogos entre os esquemas conceituais acadêmicos e as categorias nativas que orientavam as práticas dos nossos interlocutores.

Começamos revisitando os esquemas conceituais oriundos dos estudos de trabalhos de Norbert Elias e seus colaboradores, considerando a sua importância no cenário das discussões sobre a compreensão do esporte e, principalmente, as suas proposições em torno da violência nas configurações esportivas. Na sequência disso – em diálogo com o nosso material empírico – buscamos compreender processos de constituição das formas de jogar com as violências no esporte de lazer.

## 2 A VIOLÊNCIA NO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

O sociólogo e historiador Norbert Elias, baseado em seus estudos sobre as configurações sociais europeias, conseguiu observar e mostrar regularidades em torno de um longo e não deliberado “processo social” que se constituiu num sentido denominado de “Civilizatório”. Em diferentes obras (ELIAS, 1993, 1994, 1995, 2001, 2008), o autor pontua acontecimentos históricos que retratam constructos teóricos e empíricos dessa constituição processual, dentre os quais vale destacar a crescente diferenciação e democratização funcional, o aumento das cadeias ou redes de interdependência, a parlamentarização e a estruturação das sociedades-Estados, o monopólio do Estado sobre a violência física, a pacificação dos instintos, a intolerância crescente à vergonha e à repugnância, o refinamento das etiquetas e das figurações sociais, o abrandamento das pulsões em face da psicologização e da racionalização dos comportamentos.

Sem maiores condições de aprofundar as explicações sobre cada um desses constructos, optamos por enfatizar que elas constituem aquilo que Elias denominou de configurações sociais, isto é, estruturas de relações entre pessoas mutuamente orientadas e dependentes, que criam e recriam recíproca e socialmente suas necessidades, suas instituições, seus padrões de percepções e ações, o que não quer dizer que são imutáveis, mas que sua reprodução ou transformação implica a afirmação de um equilíbrio de tensões. Assim, o comportamento individual civilizado denota – no sentido de inter-relação indissolúvel – a incorporação de uma dada configuração social, a inculcação de um *habitus* ou de uma segunda natureza. Na lógica do autor, os processos sociais dizem sobre os processos psíquicos individuais de forma recíproca, o que é diferente da abstração que dicotomiza a relação indivíduo-sociedade<sup>4</sup>.

No cerne desse arcabouço teórico está a discussão em torno da violência, intimamente vinculada às relações de poder que perpassam as estruturas sociais. De acordo com Elias, a violência é um conceito relacional, no sentido de que está imbricada numa constituição social configuracional marcada por disputas que se enraizam nas personalidades individuais e são nutridas por estas. Não é possível afirmar, portanto, que um dado comportamento individual é violento sem compreendê-lo nas suas relações numa determinada configuração social e suas mudanças. Não é, então, por acaso que Elias procurou mostrar essa dimensão relacional mediante a descrição de ‘personagens empíricos’ e o sentido de suas ações nas configurações.

4 Uma discussão sobre essa relação entre as noções de ‘sociedade’ e ‘configuração social’ está colocada no Apêndice, que traz uma Introdução à Edição de 1968 (ELIAS, 1994, p. 214-251).

Um primeiro exemplo que mencionamos nesse sentido é o dos guerreiros medievais (ELIAS, 1993, 1994). A respeito deles, o autor mostra como e por que suas explosões de crueldade não os excluía da vida social, pelo contrário, os que demonstravam o gosto de matar e torturar eram valorizados, na medida em que, naquela estrutura social medieval frequentemente beligerante, comportamentos como esses se mostravam necessários e vantajosos. Esses mesmos guerreiros, durante os séculos XI a XVI (contextos configuracionais mais sensíveis à violência), foram paulatinamente ‘transformados’ em cortesãos.

O Rei Luís XIV foi outro dos exemplos da materialização da discussão dos conceitos elisianos de configuração e interdependência, sublinhando a violência e o poder na forma de etiquetas sociais. Em “A sociedade de corte” (ELIAS, 2001, p. 132-159), o autor discorre sobre como uma figura histórica, que foi considerada o maior nome do absolutismo e se autointitulava “o Rei Sol”, era, ela mesma, condicionada a uma configuração em que as interdependências se sedimentavam e realimentavam cotidianamente. No capítulo intitulado “O rei prisioneiro da etiqueta e das chances de prestígio”, Elias demonstra como o nobre lidava com essas relações de acordo com os seus interesses.

Não menos importante nessa apresentação de ‘personagens empíricos’ é o caso de Mozart (ELIAS, 1995). Nessa obra o autor sustenta que o compositor – um ‘gênio’ da música clássica – foi enterrado em ‘vala comum’, sem reconhecimento social, pelo fato de que sua ‘genialidade’ não se encaixava nos comportamentos que eram esperados no contexto em que ele viveu. Mozart, nascido numa família de cortesãos, produzia algo que não estava de acordo com os gostos dos soberanos e até mesmo dos cortesãos naquela configuração social, representando um desajuste na relação com os outros, justificando a violência que ele sofria na forma de ausência de oportunidades, de apoio e até mesmo o desprezo e a indiferença.

O que esses três ‘personagens elisianos’ sinteticamente pontuados nos ajudaram a demarcar é que a violência e o seu controle retratam uma construção correlata às configurações sociais. A violência não é ‘algo’, mas uma condição daquilo que é digno de desprezo, de indiferença e de coerções numa dada rede de interdependências.

### 3 A VIOLÊNCIA MIMÉTICA DO ESPORTE NO LAZER

Com o avanço do processo civilizatório e a direção que ele toma, Norbert Elias observa, ao longo dos séculos XVIII e XIX, a constituição de uma configuração específica, na qual se tornava possível a vivência de uma tensão-excitação agradável: a esfera do lazer. Se noutras esferas – ‘sérias’ – impulsos relacionados a atos violentos deveriam ser internalizados, não lhe foi estranho notar uma estrutura específica de ‘diversão’ dedicada à externalização das tensões num sentido positivo e aceitável. Essa análise foi apresentada por Elias, juntamente com Eric Dunning, no texto “O lazer no espectro do tempo livre” (ELIAS; DUNNING, 1992b). Eles iniciam problematizando o fato de que ‘a tensão’ não é, em si, positiva ou negativa, boa ou má, mas um aspecto a ser estudado e compreendido.

Nesse trabalho de Elias e Dunning constatamos que a tensão-excitação experimentada no lazer é tomada como agradável, ainda que compreenda aspectos relacionados à violência. Essa caracterização se dá porque, no lazer, um indivíduo pode encontrar a oportunidade de

despertar emoções reprimidas, porém, sem riscos para si ou para os outros e com aprovação social. A construção sociocultural de tal oportunidade se faz pela destruição das rotinas, o que se materializa pela diminuição das cadeias de interdependências, pelo decréscimo das diferenciações funcionais e por um equilíbrio de tensões como um contraponto ao que ocorre na 'vida séria'. Isto porque as rotinas são tomadas como correntes de ação que impõem ao indivíduo um grau elevado de regularidade e estabilidade emocional na conduta, exigindo-lhe demasiado autocontrole e domínio das etiquetas sociais.

Uma das tipificações apontadas pelos autores em tela a respeito da manifestação do lazer é o que eles denominaram de mimetização. No lazer desse tipo, a agradável tensão implica a destruição do controle exacerbado, mas não deixa de impor limites aceitáveis, para que ela (a tensão) não seja vivenciada como desagradável, tanto para quem a experimenta como para 'a boa sociedade'. No contexto dos fatos miméticos, conforme Elias e Dunning (1992b), as pessoas podem experimentar medo, ansiedade, simpatia, antipatia, amizade, ódio, que também estão presentes na vida de não lazer, da chamada 'vida séria'. A diferença é que, no lazer, há uma transposição das sensações para uma esfera que impõe menos limites, na qual é possível experimentar as emoções da violência numa tonalidade diferente, isto é, tensões com sentidos positivos e agradáveis.

Nessa perspectiva, os esportes são configurações de lazer que oferecem oportunidades para experimentar a violência de modo mimético, como um descontrole controlado. Um dos 'personagens empíricos' apresentados por Elias e que ilustra essa experiência é o 'Caçador com sua matilha de cães em busca de raposas'. No texto intitulado "Ensaio sobre o desporto e a violência" (ELIAS, 1992) o autor descreve aspectos da configuração social da elite inglesa dos séculos XVIII e XIX e, nela, a transformação da 'caça à raposa' de um passatempo a um esporte nessa expectativa mimética.

O ritual esportivo inglês proibia qualquer participação humana direta na morte da raposa, o que representava 'um avanço civilizado' no controle da violência. Nessas batalhas simuladas, mesmo que denote uma ruptura com a 'vida séria', há um conjunto de regras. Na caça esportivizada, os cães podiam apenas seguir e matar as raposas, cabendo aos caçadores treinar seus cães, segui-los e vigiá-los durante a perseguição e a morte. Essa violência era vivida de maneira indireta (por procuração), resultando numa tensão-excitação agradável socialmente aceita. Isso significa que as configurações esportivas de lazer suscitam compromissos que lhes são próprios, segundo as especificidades das suas práticas, das suas cadeias de interdependência e de seus equilíbrios de tensões, tendo em vista a experiência da agradável tensão por um tempo não demasiadamente breve, nem demasiadamente longo.

No entanto, tal como ressalta Elias (1992), embora as regras reflitam a maturidade de um esporte e sua autonomia em relação à estrutura social onde é jogado, essa autonomia é sempre relativa ou limitada. É necessário empreender uma análise configuracional no sentido de entender as dinâmicas de interdependência e o equilíbrio de tensões e, portanto, o modo como se vivencia a violência – entre a tensão-excitação agradável (lazer) e a atitude séria (não mimética). É exatamente sobre a inter-relação entre violência e lazer que nos debruçaremos a seguir, tendo como campo empírico o que ocorria 'dentro dos campos' no 'municipal da várzea' da cidade de Porto Alegre.



#### 4 JOGANDO COM AS VIOLÊNCIAS EM CAMPO

As partidas observadas, evidentemente, envolviam destrezas e ações tático-técnicas de conquista-proteção da bola, dos espaços e das metas. Mas o equilíbrio de tensões com que isso era experimentado frequentemente mostrava variações com ressonâncias sobre as classificações de violência, havendo modificações mesmo durante uma partida. Vamos apresentar sinteticamente algumas ‘categorias nativas’ apreendidas durante a trajetória etnográfica, pontuando os constructos mais marcantes, com o objetivo de relacioná-los à constituição polifônica de distintos equilíbrios e às implicações sobre as etiquetas corporais e a compreensão da violência.

A primeira categoria que destacamos retrata o ‘jogar na bola’. Tal ‘modo de jogar’ denotava fazê-lo reconhecendo e respeitando as regras do jogo, sobretudo em relação aos aspectos disciplinares que tratavam de proteger física e moralmente os envolvidos nos embates. Isto não significava a ausência de contatos corporais, mas que estes ocorriam dentro dos limites das regras codificadas e institucionalizadas no circuito, especialmente no que se refere ao conjunto de delimitações da chamada ‘regra 12’<sup>5</sup> do código adotado no circuito como oficial. No ‘jogar na bola’, a flexibilidade da ‘letra das regras’ disciplinares era flagrantemente menor, como também se destacava a autoridade dos árbitros e auxiliares para cuidarem das incorreções e aplicarem advertências e punições adequadas.

Esse modo de jogar condescendente podia ser observado em distintas conotações, isto é, em diferentes arranjos em que pese o equilíbrio de tensões. Um deles era o chamado ‘jogo amistoso’, no qual se manifestava imperioso saber ‘tirar o pé’, ou seja, esquivar-se das disputas que apresentavam maiores riscos a si e aos adversários, mesmo que isso implicasse em perdas esportivas (da bola, de espaços ou a vulnerabilidade das metas). Nos ‘amistosos’ eram comuns as situações nas quais os jogadores, treinadores e árbitros se posicionavam de maneira autocontrolada uns em relação aos outros e às normas. As etiquetas de ações individuais e coletivas se orientavam de maneira clara à proteção da integridade física e moral, não significando que os objetivos esportivos fossem desconsiderados, mas que poderiam figurar como subordinados diante do resguardo de si, dos colegas e dos adversários, o que justificava a prudência do modo de ‘jogar fugindo’ dos contatos corporais mais bruscos que, nessa configuração, eram tomados como ‘violentos’.

Diferente dessa ‘amistosidade’, outra conotação do próprio ‘jogar na bola’ podia ser vislumbrada no modo de participar denominado de ‘jogo pegado’. Nesse modo, as destrezas corporais e a condescendência frente às regras e às autoridades não estavam imunes às exigências de firmeza, de disposição, de empenho ou doação intensa dos que entravam em campo. As conquistas esportivas perpassavam por outro tipo de etiqueta no que tange à exposição e ao enfrentamento de riscos corporais. Assim, uma ação considerada ‘violenta’ no ‘jogo amistoso’ poderia ser considerada ‘normal’ no ‘jogo pegado’, não sendo por acaso que os jogadores eram constantemente convocados a “dar duro, a brigar [pela bola/espaço]” como enfatizou um dirigente-jogador a um de seus colegas de equipe, no sentido de que ele demonstrasse mais ‘pegada’ (DC, 12 jul. 2009).

5 A regra 12 do código oficial da Comissão de Arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2009) trata das faltas e incorreções e estabelece medidas disciplinares, com destaque sobre os usos do corpo nas disputas, não no sentido de evitar o contato corporal, mas que estes não sejam temerários ou imprudentes quanto aos riscos físicos e morais que as ações podem implicar aos envolvidos.

Embora o 'jogo pegado' colocasse em relevo a importância dos resultados esportivos dentro do campo, a rede de solidariedade em torno das 'etiquetas da firmeza' se mostrava igualmente preciosa. Se as destrezas corporais futebolísticas eram adequadas, frequentemente elas eram ainda mais aplaudidas quando se objetivavam com dureza, força, virilidade e disposição. Os jogadores elogiados por suas habilidades (os chamados 'boleiros' ou 'diferenciados') rapidamente seriam tratados de modo depreciativo se não se dispusessem a 'colocar o pé' firme e duramente nas disputas num 'jogo pegado'. A observação dos erros técnicos (de passes, chutes, cruzamentos, defesas, etc.) mostrava-se bastante rica nesse sentido. Constantemente ocorriam situações nas quais a carência de habilidades e os erros eram aplaudidos, desde que fossem precedidos de uma ação de valentia, de 'garra', de insistência ou de firmeza.

Num 'jogo pegado', 'tirar o pé' ou 'fugir de contatos' mais bruscos rapidamente resultava em repreensões. Nele, o equilíbrio de tensões costurava arranjos que orquestravam coletivamente uma antítese à moleza, à falta de virilidade, mas isso não significava, em si, inapropriação no que se referia ao conjunto de normas, afinal "pegada não é deslealdade, pegada é firmeza", como tratou de salientar um jogador aos seus colegas, na expectativa de motivá-los a jogar com afinco (DC, 13 dez. 2009). O que ocorria era que tais equilíbrios de tensões imprimiam maior elasticidade<sup>6</sup> na interpretação das regras em relação aos usos do corpo nos confrontos, mas não determinavam desconsideração do conjunto normativo institucional ('jogo pegado' e 'na bola' não eram antíteses).

Ainda que a regra 12 apontasse que empurrar um adversário seria uma infração pelo uso imprudente e temerário da força excessiva, o critério de julgamento da temeridade e da imprudência dos empurrões estava transpassado pelos distintos equilíbrios de tensões constituídos na ocasião do lance. Por exemplo, se uma disputa de bola com o uso excessivo dos braços no meio do campo, numa 'configuração mais amistosa' era rapidamente sinalizada e aceita como infração, num 'jogo pegado' não raramente figurava como 'normal', pois muitos, inclusive os árbitros, diriam que 'era assim mesmo', que 'fazia parte'. Essa elasticidade nos possibilitou entender a afirmação positiva de um 'dono de time' derrotado na final de um campeonato regional, dizendo que "foi 'pegado', perdemos, mas é isso aí, foi 'na bola'" (DC, 10 out. 2010).

A orquestração do 'jogo pegado' normalmente envolvia um 'jogo de pressão' manifestado na forma de revides e contrarrevides de caráter intimidatório direcionados aos corpos dos adversários, especialmente daqueles que disputavam a bola. Uma 'chegada' mais firme, mais agressiva de um adversário, daquelas que demandavam uma interpretação mais elástica das regras, colocava imediatamente uma questão vivida como 'pressão': 'aceitar' ou 'não aceitar'? A 'pressão' era bastante objetiva no sentido de informar o 'modo de jogar' corrente. 'Aceitar' a 'entrada' sem devolvê-la era uma demonstração de 'desajuste' (o jogador deveria saber que era preciso 'tirar o pé' num jogo mais 'amistoso' ou 'colocar o pé' firmemente numa partida mais 'pegada'). Revidar a 'chegada' com a mesma intensidade corporal era comunicar que 'estava no equilíbrio do jogo' e que, portanto, estava disposto a se submeter e alimentar maior temeridade e imprudência.

<sup>6</sup> A elasticidade a que nos referimos aqui guarda relação com a argumentação de Elias (1992) sobre a flexibilidade das regras. O autor sustenta que, num jogo, o grupo de participantes é organizado de tal maneira que cada encontro corresponde a uma dinâmica específica, isto é, um padrão flexível no que tange à relação com as regras. Um trabalho que demonstrou essa dinâmica elástica é o de Pimenta (2009). A autora evidencia como as dinâmicas de solidariedade também capacitam os sujeitos a agirem no jogo, não apenas as regras.



Não eram raras as vezes nas quais se podia antecipar que as partidas seriam caracterizadas pela ‘pressão’ e, nesses casos, era possível dizer que se tratava de ‘jogos fumaceira’, isto é, efervescentes, emocionalmente quentes. As trajetórias de confrontos anteriores entre grupos e times, que conferiam substância às ‘rivalidades’, por exemplo, criavam uma certeza e até mesmo uma expectativa ambígua de que nenhum dos membros dos times iria ‘tirar o pé’. Em tais jogos o próprio lugar dos árbitros era modificado e os critérios da elasticidade de interpretações das regras passavam a ficar significativamente sob o governo dos envolvidos na contenda dentro do campo. Agora ‘é entre eles’, ‘eles que decidam’, diziam alguns árbitros, ‘deixando passar faltas’, uma vez que estavam impossibilitados de ‘aplicar’ interpretações mais rígidas sobre a temeridade e a imprudência. Cabia aos árbitros manter ‘um mesmo critério’ da interpretação para ‘levar o jogo até o final’.

Nesses jogos ou em ‘momentos fumaceira’ é que emergia outro tipo de equilíbrio de tensões, este sim diametralmente oposto ao ‘jogar na bola’, menos frequente, mas importante na compreensão da violência. Quando os membros das equipes deixavam de ‘visar a bola’ e passavam, prioritária e deliberadamente, a ‘visar o adversário’, o ‘jogar da pressão’ ganhava autonomia sobre o ‘jogar na bola’, no sentido de que os objetivos esportivos tinham se tornado secundários ou até mesmo irrelevantes, pois outras questões – ‘mais sérias’ – passavam a figurar como mais importantes, com destaque para a honra individual/coletiva. Nessas condições é que se tornava adequado dizer que se tratava de um ‘jogo perigado’, expressão esta utilizada por um jogador ao assistir uma partida na qual o ‘fazer pressão’ havia se tornado tão (ou mais) relevante quanto fazer gols (DC, 17 out. 2010), colocando em perigo a continuidade do embate.

Nos ‘jogos perigados’, em meio às dinâmicas de revides e contrarrevides pouco temerários e mais imprudentes quanto ao uso excessivo da força, vez ou outra, a elasticidade da interpretação era substituída pelo desconhecimento das regras, criando situações paradoxais nas quais uma briga com socos e pontapés, embora determinasse a exclusão da partida e até mesmo o seu término, poderia ter uma avaliação simultaneamente negativa e positiva (vaia e aplausos). Negativa porque se tratava de um conjunto de práticas que ganhou total autonomia em relação aos domínios da configuração esportiva, abreviando o período de tensão-excitação do lazer; positiva porque dizia sobre a importância da identidade, da honra cuja seriedade vai para além dos resultados esportivos e se torna uma ‘coisa séria’. O ‘jogo perigado’ denotava, portanto, o tênue limiar de destituição do caráter mimético da partida. Ele estava relacionado a situações de tensões bastante lembradas nas histórias contadas, cujas memórias eram carregadas da ambiguidade entre o positivo e o negativo. Experimentar esse limiar e essa ambiguidade era, sem dúvida, emocionante.

## 5 O ‘GURI’ E O ‘NEGO VÉIO DA VÁRZEA’

Após as explanações em torno da violência na sociologia configuracional, com destaque para aquelas vivenciadas num sentido mimético, e depois das descrições dos diferentes jogos correlatos aos distintos equilíbrios de tensão, cabe a retomada das nossas questões iniciais, que apontavam os ‘guris’ como problemas e os ‘veteranos’ (ou os ‘nego véio da várzea’) como parâmetros de comportamento. A exemplo de Elias, tomaremos os ‘guris’ e os ‘nego véio’ como ‘personagens empíricos’ que experimentavam e constituíam, de modo distinto, as configurações esportivas em suas distintas formas de jogar com as violências. Para tratar disso, lançamos mão

de informações produzidas pela imersão etnográfica em cinco times de futebol da cidade de Porto Alegre, no decorrer de 2010 e 2011. Nesse período, vários membros do Guarani (da vila Paraná), do Bandeirantes, do São Pedro e do Esperança (estes três da vila Ibema) e do Cerro Azul (da vila Cambé)<sup>7</sup> foram acompanhados de perto. Das 216 partidas, 97 foram observadas seguindo com esses times.

Os 'guris' eram, na maioria, os jogadores mais jovens, mas esse critério cronológico não se mostrava suficiente para dizer quem estava 'sendo um guri', como também, na configuração futebolística estudada, era difícil tratar dessa questão a partir da noção de idade. Isso porque, não raramente, jogadores mais jovens (de 20, 30 anos) eram apontados como 'veteranos' e os mais velhos (de 40, 50 anos de idade) eram tratados como 'guris'. Portanto, 'guris' e 'nego véio', na forma como entendemos, eram 'personagens empíricos' que diziam sobre a forma como se vivenciava o futebol nas/entre as diferentes figurações de jogos, sendo que a relação com as violências nos jogos de lazer era, seguramente, um dos elementos centrais nessa operação de classificação. Outros aspectos também se mostravam importantes nessa construção do 'guri da várzea' em relação ao 'veterano'. Mesmo um jogador mais velho, por exemplo, era mencionado como um 'guri' quando demonstrava boas capacidades físicas (resistência, agilidade, flexibilidade, por exemplo), quando deixava evidente, entre os conhecidos, o número de parceiras sexuais na vida cotidiana (duas, três mulheres), quando não contribuía com dinheiro para pagar as despesas do time ou mesmo das rodadas de cerveja.

Apesar da relevância desses outros aspectos, optamos por focar na construção analítica dos personagens 'guris' e dos 'nego véio da várzea' em relação os diferentes modos de jogar e as distintas nuances de violência. Tal opção foi relevante porque era bastante comum notar acusações de que os 'guris sabiam bater', mas o faziam quando desnecessário, tornando as partidas 'perigadas', levando os treinadores a produzirem substituições para 'segurar o jogo na bola' ou mesmo a retirarem seus times de campo, quando 'a coisa estava feia'. No decorrer da pesquisa restou bastante claro que aqueles denominados de 'guris' estavam mais suscetíveis às 'pressões', às intimidações e, com bastante frequência, eram mencionados – em tom de reclamações oriundas dos 'veteranos', dos organizadores de competições e de donos dos times – como aqueles que lidavam com isso de maneira desproporcional. Os 'guris' eram mais facilmente relacionados às 'confusões', no sentido de que não estavam dispostos a 'aceitar' e 'devolver' intimidações nos limites das mimetizações do jogo de futebol, segundo os diferentes equilíbrios de tensão.

A crítica de que "a gurizada só quer brigar e não aceita a arbitragem de ninguém" (DC, 30 jun. 2011), proferida por um dirigente de Liga, era recorrente e isso também se manifestava nas limitações desses 'guris' em circular pelos campos da cidade, tal como explicou o dirigente de um time, ressaltando que "não dá mais para levar os 'guris' para fora", se referindo à circulação deles entre uma vila e outra, o que "está cada vez mais complicado" (DC, 21 maio 2011). Um dos acontecimentos registrados em diário, que caracterizava essa apreensão dos 'veteranos' e dos organizadores, envolveu o jovem jogador apelidado de Palito, de 17 anos. Num 'jogo de ida', fora da sua vila, Palito foi atingido numa disputa de bola por um adversário e teve que sair da partida em virtude das dores que sentia. Mas fez questão de dizer que 'não aceitou' e que 'teria volta' (DC, 17 abr. 2011). Dias depois, no 'jogo da volta', desta vez na 'sua vila', sob os olhares da 'sua comunidade', era visível que o 'guri' deixava o jogo 'perigado'. As 'chegadas'

7 Também os nomes dos times e das vilas foram substituídos para evitar constrangimentos.

que imprimia nas disputas claramente colocavam em risco os adversários e a ele mesmo, atuando de maneira bastante desproporcional ao ‘jogo na bola’ que vigorava. Essa discrepância significava ‘a violência’, o que fez um dos ‘veteranos’, espectador do jogo na beirada do campo, disparar o seguinte comentário: “Está louco esse ‘guri’, falta um parafuso” (DC, 29 maio 2011).

Mas, se por um lado havia essa apreensão em relação aos ‘guris’ quanto à desproporcionalidade da ‘violência adequada’ ao modo de jogar, de outro, esses mesmos ‘guris’, aprendiam ‘no corpo’ e ‘na pressão’ que era preciso ter ‘alguma maldade’, o que não significava ‘ser desleal’. A deslealdade estava relacionada ao ‘ser maldoso’, denotando o que entendemos como violência da discrepância entre os modos de jogar e os comportamentos dos jogadores, intolerável, sobretudo, quando não deixava possibilidades de defesa ao oponente. Diferente disso, ‘ter alguma maldade’, como ‘mostrar as travas da chuteira’, ‘colocar o braço numa disputa’, não ‘tirar o pé’ quando possível para evitar maiores riscos numa disputa, representava uma etiqueta necessária para comunicar a ‘não aceitação’ da ‘pressão’.

Mais do que ‘ter maldade’, o deixar de ‘ser guri’ estava relacionado à fruição nos/entre os distintos modos de jogar (‘na bola’, ‘amistoso’, ‘fugindo’, ‘pegado’, ‘na pressão’, ‘fumaceira’, ‘perigado’), isto é, em saber avaliar, deslizar e comportar-se entre/nesses diferentes equilíbrios de tensões. Dentre várias outras, uma das situações que ilustra bem essa condição – exigência inscrita nos corpos – ocorreu numa partida de ‘mata-mata’ entre o São Pedro (time de ‘nego véio’, reconhecido no circuito pela ‘pressão’ que fazia para ganhar) e o Concórdia (time de ‘gurizada’ da vila Paraná). Já próximo do final do embate, com o resultado de 5 a 1 em favor do São Pedro, Edilson, então treinador deste time, ‘nego véio da várzea’, passou a justificar o placar. A qualidade futebolística não foi sequer citada como determinante, mas sim ‘a pressão’ sobre os adversários: “É só ‘gurizadinha’. Levam ‘uma chegada’ e se intimidam, daí ‘não colocam o pé’. O 17 deles [apontando para um adolescente franzino] nem tocou na bola ainda [risos]” (DC, 24 out. 2010).

A ‘gurizadinha que aceita’ precisava interiorizar e exteriorizar alguma ‘maldade’, caso contrário estariam próximos de serem qualificados como jogadores ‘de pracinha’, não como ‘da várzea’. Por exemplo, em 2011, o time Guarani da vila Paraná era composto por vários rapazes. Miranda, treinador, reclamava deles afirmando que eram ‘guris de pracinha’, alegando que “não serviam para ‘a várzea’”. Isso ficou ainda mais latente numa partida ‘fora de casa’, principalmente em relação ao comportamento de um dos jogadores conhecido pelo apelido de Preguinho.

[...] no segundo tempo, depois de ter levado várias ‘chegadas’, ‘beliscadas’ dos adversários o Preguinho veio até a lateral do campo e disse que “não vou jogar mais, vou sair”. Os que estavam ‘no banco’ disseram que ele não podia sair, pois não havia ninguém para substituir. O reclamante mostrava, nesse momento, o seu joelho e o ‘risco’ na canela, dizendo: “Vou sair, olha aqui, deram no meu joelho, olha aqui minha perna”. Vendo que não havia outra possibilidade voltou a jogar. A respeito do Preguinho, o Chileno (um ‘veterano’), depois do jogo passou a reclamar dos ‘guri’, dizendo que “num ‘jogo pegado’ como este, quer pegar a bola e sair driblando!?” Ele ‘pedia’ para levar umas ‘chegadinhas’. (DC, 01 maio 2011)

Dois dias depois desta partida, na reunião da Liga que organizava a competição, o comportamento dos ‘guris de pracinha’ do Guarani ainda ressoava nos comentários do treinador que, ao explicar a derrota, falava que os ‘guris’ de seu time “não eram de ‘chegar’ e que se ‘acadelaram’ com a ‘pressão’ do Centenário” (DC, 03 maio 2011). Portanto, os ‘guris’,

eram aqueles que, embora sejam incluídos no time pela habilidade futebolística, ainda não dominavam as etiquetas de ‘maldade’ e de ‘pressão’. Já os ‘nego véio da várzea’ eram aqueles que recebiam a bola, ocupavam os espaços e, ao fazê-lo, levavam ‘as chegadas’, mas não as estranhavam, sabendo exatamente os modos e os momentos de lidar com elas.

‘Fazer pressão’, ‘aguentar pressão’ também era uma prerrogativa do ‘bom jogador’. Aqueles que mostravam habilidade de conseguir ‘jogar na pressão’, que não se apavoravam e que sabiam lidar com ela, eram valorizados. Não se trata de asseverar e alardear que ‘os varzeanos veteranos’ eram violentos, mas de compreender que tinham interiorizado – na forma de uma segunda natureza – maneiras adequadas às distintas configurações e equilíbrios de tensões. Nos ‘jogos fumaceira’, os ‘nego véio’ sabiam dispor de um pouco de ‘maldade’ para se protegerem e para conseguirem continuar participando ativamente da partida, quando os árbitros eram impelidos a ‘deixar correr’. Por isso, paradoxalmente, ‘a maldade’ que poderia ser classificada como um ato de ‘violência’ numa configuração mais ‘amistosa’, num ‘jogo pegado’ e ‘de pressão’ refletia exatamente o contrário, isto é, um processo pedagógico, necessário, uma forma de fazer com que os adversários ‘respeitassem’ e jogassem ‘na bola’.

Nas dinâmicas da ‘pressão’, não estava prescrito que os envolvidos deveriam ser menos temerários e mais imprudentes, mas que precisariam ‘saber ser’ se necessário, tal como exigiu um ‘veterano’ de outro mais jovem, acusando-o de não revidar as ‘chegadas’ dos adversários: “tem que levar, mas tem que dar também, é assim que se é respeitado ‘na várzea’” (DC, 04 out. 2009). Esse ‘saber’ não podia/devia ser deslizado indiscriminadamente para todas as partidas ou disputas. Como a discrepância denotava a violência inapropriada, era preciso ter e manter coerência, para não figurar, de um lado, como ‘guri de pracinha’, ‘acadelado’ ou ‘chorão’ e, de outro, como ‘maldoso’, ‘criminoso’ ou ‘desleal’, estes últimos facilmente acusados de ‘perigar’ uma partida.

Havia, portanto, espécies de ‘etiquetas’ correlatas a diferentes equilíbrios de tensões. Os ‘nego véio’ eram aqueles que melhor sabiam deslizar nessas diferenças e evitar as discrepâncias. Jogavam ‘fugindo’, ‘pegando’, ‘na pressão’ de acordo com as configurações. Se as ‘confusões’ desagradáveis guardavam relações com a desproporcionalidade dos usos do corpo, os ‘veteranos’ eram os que menos criavam tais situações. Eles “só vão para jogar bola, não criam confusão”, como explicou Ruben, um dono de time, ao comparar seu time de ‘veteranos’ com o da categoria livre, composta por mais ‘guris’ (DC, 19 fev. 2011).

Os ‘veteranos’ manifestavam com mais evidência a preocupação em ‘segurar o jogo na bola’, o que não significava exclusivamente ‘jogar fugindo’ ou ‘aceitar’ as provocações. Mesmo em jogos emocionalmente tensos, eles criavam condições para, jogo a jogo, disputa a disputa, avaliar o que era ou não uma violência. A partida que mais chamou a atenção nesse sentido ocorreu numa final de campeonato de veteranos, entre o Bandeirantes (time ‘da casa’) e o Horizonte (time ‘visitante’). Foi um dos jogos mais tensos observados, com muitas ‘pegadas’, contando com a ‘pressão da comunidade’ no entorno do campo. Os árbitros pouco podiam fazer além de ‘levar o jogo’. Nesse cenário é que uma mulher, que assistia o embate, se manifesta da seguinte maneira: “Todo mundo se governa aí! Cadê o juiz?!” (DC, 02 nov. 2010). Nessas poucas palavras ela definiu muito do que se presenciava dentro do campo. Os veteranos, reciprocamente, governavam os limites dos usos do corpo; um governo que passava pela avaliação que faziam sobre o uso adequado da ‘maldade’ diante da necessidade de produção-avoidance da temerosidade e da imprudência.

Nessa partida – muitos concordariam que ela estava ‘perigada’ –, nas situações em que se notava que uma briga generalizada era iminente, os próprios jogadores, com a colaboração dos árbitros, tratavam de reelaborar os limites em vista da continuidade do confronto, fazendo isso aos gritos, gesticulações, ameaças e xingamentos. A ‘gritaria’, os xingamentos, as ameaças, algumas ‘chegadas’ e ‘pegadas’ nesses casos, ao invés de negativas, se revelavam uma maneira de disciplinar, um modo de retomar o ‘jogo na bola’. Outro exemplo disso aconteceu no campo do parque Iguaçu, na região central da cidade, onde disputavam uma partida dois times de regiões periféricas da cidade. Nesse parque, novamente a presença de uma mulher e de um adolescente na beira do campo mostrou o quanto se naturalizava o ‘jogo de pressão’ que tinha não somente a finalidade de desestabilizar o adversário ou árbitro, mas ambigualmente tinha o desígnio de ‘segurar’ as disputas ‘na bola’. A situação foi a seguinte:

Num lance um jogador veterano do Guarani se desentendeu com o adversário e ambos começaram um ‘empurra-empurra’ com gestos que sugeriam o início de uma briga. Ao ver a situação, um dos filhos (adolescente) do jogador tenta correr em direção ao oponente de seu pai. A mãe-esposa procura evitar que o filho faça isso, segurando-o, mas não esconde o seu desespero com a situação, pedindo para que o marido saísse da partida e para que fossem embora. Ela estava flagrantemente assustada. Diante desta reação da mulher, tanto o marido como outros colegas e até mesmo adversários riram da situação e alguns disseram: “não esquentar, ‘na várzea’ é assim mesmo”. O marido, na tentativa de acalmá-la, afirmou: “eu não ia dar um soco nele, todo mundo sabe disso, é que eles ‘fazem pressão’ e nós temos que ‘fazer pressão’ também, é só isso”. (DC, 29 abr. 2010)

Os risos, até mesmo dos adversários, mostraram o quanto a mulher e o filho desconheciam as ‘etiquetas’ de governo dos jogos. Aqueles reconhecidos como ‘veteranos’, mesmo que tivessem pouca idade, demonstravam sensibilidade nesse exercício de ‘se governarem’, sem que isso implicasse o término precoce do jogo ou, pior ainda, limitações nas suas possibilidades de circulação pelos campos da cidade para o gozo do lazer.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estranhamento inicialmente apontado, aquele que nos fez olhar para os ‘guris’ e os ‘nego véio’, nos instigou a procurar compreendê-los na relação com as violências no circuito de lazer ‘varzeano’. Dada a contribuição amplamente presente nos debates acadêmicos da teoria elisiana, optamos por fazer um exercício de aproximação dos ‘personagens varzeanos’ com esse arcabouço conceitual, na expectativa de apresentarmos, ao final, alguns entendimentos não presentes no que se refere à compreensão do lazer.

Um primeiro entendimento guarda relação com a noção elisiana de que no lazer esportivo mimético é possível serem experimentadas as emoções da violência numa tonalidade diferente, porém de forma aceita pela ‘boa sociedade’. No transcorrer da obra “A busca da excitação” (ELIAS; DUNNING, 1992a) fica claro que a violência não aceitável é aquela que representa uma participação demasiadamente séria – não mimética –, isto é, que envolve questões sociais que não pertencem à configuração do jogo, fazendo com que as regras esportivas sejam suspensas ou desconsideradas.

Porém, o que notamos nesta pesquisa é que a violência inadequada não se limita apenas à participação não mimética. Além disso, procuramos mostrar a violência desagradável como resultado da desproporcionalidade nas ‘formas de jogar’ em relação às diferentes



nuances dos equilíbrios de tensões ('na bola', 'amistosos', 'fugindo', 'pegado', 'de pressão', 'fumaceira', 'perigado'). A incompreensão dessas nuances condizia com a manifestação de comportamentos desagradáveis, isto é, que 'não faziam parte' do equilíbrio de tensões constituído, mas que não estavam propriamente fora do contexto mimético. Isso nos levou a observar e definir uma violência mimética desagradável que não retrata uma ruptura completa com a configuração esportiva, mas sim a discrepância derivada da falta de sensibilidade nas avaliações e nos deslizamentos entre as distintas formas de jogar. Essa é uma sensibilidade que está nitidamente colocada na constituição do 'guri' e do 'nego véio da várzea'.

Esses dois 'personagens' também nos fizeram revisitar o conceito de tensão-excitação agradável no lazer. No caso do lazer esportivo varzeano, concluímos que a tensão-excitação não se esgotava apenas no estabelecimento de 'um nível ótimo' para as contendias, nem demasiadamente breve, nem demasiadamente longo. Ao percebermos distintos 'níveis ou equilíbrios de tensão' que ocorriam mesmo dentro de um jogo, não pudemos deixar de notar que a excitação agradável também era vivida nos deslizamentos emocionais entre os diferentes equilíbrios adequados. O que tornava as partidas emocionantes também era o fluxo entre os modos de jogar. Nesse sentido os jogos vividos com bastante intensidade eram aqueles em que o equilíbrio de tensões frequentemente estava em construção, algo que os 'nego véio da várzea' sabiam lidar de maneira adequada no sentido de 'segurar o jogo' nos limites das práticas miméticas.

## REFERÊNCIAS

- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Comissão de Arbitragem. **Regras do jogo de futebol 2009/2010**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2009.
- DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.
- ELIAS, Norbert. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel; 1992. p. 223-256.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel 82, 1992a.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel 82, 1992b. p. 139-185.



ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARCUS, George. Etnografía en/del sistema mundo: el surgimiento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v. 11, n. 22, p. 111-127, 2001.

PIMENTA, Rosângela Duaerte. **Desvendando o jogo**: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão. 2009. 225 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.